

A SÁTIRA E O GÓTICO EM *A ABADIA DE NORTHANGER*, DE JANE AUSTEN

THE SATIRE AND THE GOTHIC IN JANE AUSTEN'S NORTHANGER ABBEY

Aline Benato Soares¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar a obra *A Abadia de Northanger* de Jane Austen. Buscaremos averiguar os elementos da sátira implícita de Austen, e verificar os elementos do gótico presentes nesta novela. Tendo como embasamento teórico os estudos de Tzvetan Todorov (1981), Flávio Kothe (2000) e Lélia Duarte (2006), verificamos que os elementos do gótico preenchem essa obra, despertando no leitor a tristeza, o medo, a surpresa, a agonia, o horror, o riso e a empatia. A obra é, além disso, repleta de ironia, e a sátira está presente nas entrelinhas.

Palavras-chave: gótico; romance; sátira.

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze Jane Austen's *Northanger Abbey*. We will consider the elements of Austen's implicit satire, and also the Gothic elements present in this novel. We draw assumptions from the theoretical studies of Tzvetan Todorov (1981), Flávio Kothe (2000) and Lélia Duarte (2006). The elements of the gothic fill the novel, awakening in the reader the sadness, the fear, the surprise, the agony, the horror, the laughter and the empathy. The book is full of irony, and satire is present between the lines.

Keywords: gothic; romance; satire.

1. PARA PROVOCAR DISCUSSÃO

A obra de Jane Austen intitulada *A Abadia de Northanger* é uma paródia das obras de ficção gótica, que fizeram sucesso no final do século XVIII. *A Abadia de Northanger* foi escrita quando Austen tinha 22 anos, tendo sido concluída no ano de 1803 e publicada no ano de 1818, um ano após a morte da escritora. Jane Austen nasceu em 16 de dezembro de 1775, em Hampshire, Inglaterra e morreu em 1817, aos

¹ Mestranda, UTFPR – Campus Pato Branco.

41 anos, o que fez com que muitas especulações surgissem acerca do motivo de sua morte. Contudo, nenhum cientista conseguiu comprovar qual foi o real motivo de seu falecimento. A autora começou a escrever desde muito cedo, e entre seus escritos constam cartas, uma peça de teatro, contos, seis novelas completas e algumas novelas inacabadas.

Em seus romances publicados, Jane Austen é sempre muito sutil e discreta em suas críticas. De forma que, em uma primeira análise, nem sempre estão claras as intenções da escritora. Mesmo em *Northanger Abbey* (1818), paródia dos romances góticos que Austen lia na juventude, sua crítica social está sempre disfarçada nos comentários humorísticos. Nessa pesquisa, buscaremos averiguar a sátira de Austen e os elementos do gótico presentes nessa obra. O romance relembra o humor explícito do período dos primeiros escritos de Austen, ao parodiar os populares romances góticos que fizeram sucesso em sua juventude. Nesse sentido, a crítica literária sempre vislumbra a sátira de Austen como uma característica marcante desse romance em questão. Em seus romances maduros (publicados em sua fase adulta), a escritora apenas critica abertamente o comportamento de pessoas de classes sociais mais altas, e os ridiculariza — nas entrelinhas. Porém, a autora nunca os ofende diretamente: Austen simplesmente os define de maneira caricatural. No entanto, isso não ocorre com as histórias que Jane Austen escreveu quando era mais jovem — que hoje formam uma coleção conhecida como *Juvenilia*, composta por várias histórias curtas, novelas epistolares, e outras obras.

De acordo com o primeiro biógrafo da escritora, seu sobrinho James Edward Austen-Leigh, Jane Austen escreveu sobre a realidade que conhecia, os costumes e as normas da sociedade aristocrática rural da Inglaterra do século XIX: “Seus conhecidos, na verdade, constituíam a mesma classe da qual ela retirava suas personagens, variando do membro do parlamento ou do proprietário de grandes terras, ao jovem pároco ou ao mais novo aspirante da marinha, de família igualmente boa.” (AUSTEN-

LEIGH, 2014, p. 25). Consoante com essa afirmação, Catherine Reef também aponta que “Jane Austen escreveu sobre o tipo de gente que conhecia bem, ladies e gentlemen da Inglaterra Rural. A trama é confinada ao âmbito da vida familiar, dos círculos de amizades, dos galanteios e casamentos” (REEF, 2014, p. 19). Sabemos que a família da escritora pertencia à nobreza agrária; dessa forma, podemos salientar que o contexto no qual estava inserida serviu de inspiração para a criação de suas obras. O trabalho de Austen gira em torno do desenrolar matrimonial e relata os costumes das famílias que pertenciam à baixa aristocracia. Jane era a sétima filha de uma família de oito irmãos, sendo a segunda filha mulher. Seu pai era um reverendo anglicano chamado George Austen e sua mãe era uma descendente da nobreza que se chamava Cassandra Leigh Austen.

Jane era muito ligada à sua irmã mais velha, que também se chamava Cassandra, com quem trocava diversas correspondências, que foram publicadas. Não existem provas de que Jane foi cortejada por alguém; ela apenas teria tido um envolvimento com Thomas Lefroy, aos 20 anos, que não resultou em casamento, pois, por motivos econômicos, ele não poderia se casar com uma jovem sem fortuna. Esse fato foi relatado por Austen a Cassandra em uma correspondência e talvez tenha sido essa a fonte da crítica da autora aos casamentos por motivos financeiros. Thomas era sobrinho da mentora de Jane, Madame Lefroy, mas ela a dissuadiu de investir neste romance, e enviou o seu sobrinho para longe, pois não queria que ele se casasse com uma mulher sem posição social. Nem Jane nem Cassandra se casaram.

Pode-se afirmar que Jane Austen é uma escritora à frente de seu tempo, porquanto suas obras permanecem atuais, atraindo milhares de fãs ao redor do mundo. Ela é considerada por muitos críticos uma das maiores autoras da língua inglesa, apesar de ter escrito muito pouco, visto que publicou apenas seis romances. A escritora é reconhecida literariamente pela forma sutil de denunciar os costumes burgueses da sociedade da época, e foi umas das principais influenciadoras do

romance inglês, como afirma Sandra Vasconcelos, em seu livro *A ascensão do romance inglês*: “Jane Austen conseguiu abrir novas perspectivas para o gênero. Apoiada na tradição estabelecida por seus antecessores, ela foi capaz de combinar de forma genial as técnicas utilizadas por Richardson e Fielding. Como o primeiro, fez da fina análise e investigação psicológica de suas personagens uma das linhas de força de seu romance”. (VASCONCELOS, 2007, p. 220).

O nome de Jane Austen está ao lado do de grandes escritores ingleses, devido à sua grande maestria ao descrever seus personagens, e por conseguir transmitir aos seus leitores, de forma clara e objetiva, a revelação de qual era o papel da mulher na Inglaterra do século XIX. Em uma primeira leitura, talvez não fiquem claros os objetivos da autora de ironizar o comportamento burguês da época, mas ao analisarmos suas obras de forma concisa, podemos perceber que Jane retratava a sociedade da época como um espelho do que tal sociedade realmente era. Ainda segundo as palavras de Sandra:

De Fielding, herdou o olhar crítico do narrador que observa suas personagens se moverem no mundo das convenções sociais e as retrata com ironia de quem as vê à distância e pelo lado de fora. O riso e a perspectiva irônicos, o desprezo pela pretensão e hipocrisia revelam semelhanças de atitude entre os dois romancistas... Ao combinar qualidades de Richardson e Fielding à sua marca pessoal, Jane Austen iria conduzir o gênero por novos rumos. (VASCONCELOS, 2007, p. 221).

Austen é reconhecida como uma das principais influenciadoras do romance na Europa e na Inglaterra. Sem sua obra não saberíamos ao certo como eram as convenções sociais na aristocracia rural do século XIX. Ainda de acordo com o seu sobrinho: “É impossível dizer com que idade ela começou a escrever. Existem cadernos contendo contos, alguns dos quais devem ter sido escritos quando era uma menina, uma vez que já chegavam a um número considerável, quando ela tinha dezesseis anos” (AUSTEN-LEIGH, 2014, p. 50). A jovem Austen usava e abusava do

humor em seus textos desde uma idade muito tenra. Podemos dizer que quanto mais jovem ela era, menos discreto e mais vulgar era o seu uso do humor. Em trabalhos posteriores, Austen deixou de ser tão direta e desenvolveu um método no qual ela não precisava delinear e criticar abertamente seus personagens. Jane Austen dominou de tal forma a arte da escrita literária que as suas personalidades satíricas se apresentariam como figuras caricatas, constituídas a partir de seus próprios diálogos. Assim como na juventude, Austen adulta costumava criar personagens e situações cômicas em seus romances, contudo, em suas novelas escritas na fase da maturidade, essa sátira está presente de forma refinada. De acordo com Reef:

Na faixa dos vinte anos, Austen escreveu romances mais longos que os do período da *Juvenilia*. Na adolescência, a autora havia imaginado personagens de comportamento condenável e que se colocavam em situações ridículas. Mesmo em *Lady Susan*, uma obra com a extensão de um romance, escrita aos dezoito anos, a protagonista tinha um coração tão frio que havia se esquecido da própria filha. Os enredos eram bastante divertidos, mas ao amadurecer Jane Austen abraçou desafios mais complexos como escritora. Os personagens começam a ter ambições, talentos, medos e idiossincrasias como os seres humanos de carne e osso. Eles passam por situações reais, que revelam suas fraquezas e colocam à prova suas qualidades. Jane Austen estava aprendendo a usar a inteligência com parcimônia, a favor de um efeito de estilo ainda maior. E era uma escritora dedicada, escrevendo incessantemente, mesmo em tempos infelizes. (REEF, 2014, p. 69).

É importante destacarmos a fase dos escritos da juventude de Austen, pois a obra aqui analisada foi escrita quando a autora tinha 22 anos. Entretanto, foi publicada em sua fase adulta, após ter sido revisada inúmeras vezes pela autora. Ao lermos as biografias de Austen, escritas por Catherine Reef e por seu sobrinho James Edward Austen-Leigh, percebemos que a autora tinha o costume de revisar suas novelas diversas vezes, exercendo uma constante reescrita de suas obras, em busca de seu aperfeiçoamento. Ainda assim, mesmo após todos esses anos de revisão, vislumbramos muito da personalidade juvenil de Austen no romance aqui analisado.

A obra *Northanger Abbey* se inicia com uma afirmação acerca da personagem principal — Catherine Morland: “Ninguém que tenha visto Catherine Morland em sua infância poderia supor que ela tivesse nascido para ser uma heroína” (AUSTEN, 2011, p. 13). A autora segue afirmando que tudo estava contra Catherine, que ela era “quase bonita” (AUSTEN, 2011, p. 13), não era rica nem pobre, e tinha dificuldades de aprender qualquer coisa. Era simples; preferia as brincadeiras dos meninos às atividades sugeridas para meninas e que contribuiriam para torná-la uma dama. Todavia, Catherine lia muito, e a literatura estava transformando-a, pois ao longo da obra observamos o amadurecimento da personagem, e a sua metamorfose ao tornar-se uma heroína.

Nesse processo de transformação de Catherine, percebemos que Austen crítica a sociedade, satirizando o tal “comportamento” que deveria ser o feminino. Sendo assim, esse tipo de comportamento com o qual Catherine estava acostumada não era comum a uma dama, pois uma jovem *lady*, não poderia gostar das brincadeiras dos meninos. Como afirma Simone de Beauvoir, existem muitas questões que implicam na formação de uma dama, sendo que “ela deverá reprimir seus movimentos espontâneos; pedem-lhe que não tome atitudes de menino, proibem-lhe exercícios violentos, brigas: em suma incitam-na a tornar-se, como as mais velhas, uma serva e um ídolo” (BEAUVOIR, 1980, p. 23).

Podemos perceber que Austen, em pleno século XIX, estava colocando em pauta, questões de suma importância para a compreensão do papel da mulher na sociedade da época. Beauvoir, no século XX, analisou tais questões relativas ao comportamento feminino, de forma que sua obra é de grande relevância para os estudos feministas, e pode ser utilizada como ferramenta para a análise dos escritos austeanos. Jane Austen foi uma escritora que abordou as questões que dizem respeito ao papel social exercido por mulheres e homens na Inglaterra da Era Georgiana (Pré-Vitoriana) do século XIX. E nos mostra em seus romances a visão que o mundo tinha de como deveriam ser as

convenções sociais, os valores familiares e a ordem patriarcal. Acreditamos que a autora tenha abordado tais fatos, pois foram as questões que mais a afetaram durante sua vida. Não podemos, entretanto, considerar Jane Austen uma escritora propriamente feminista, pois Jane não participou de debates do gênero em sua época ou defendeu de forma clara e aberta os direitos das mulheres do sexo feminino. De acordo com Judith Butler: “Grande parte da teoria e da literatura feministas supõe, todavia, e existência de um “fazedor” por trás da obra. Argumenta-se que sem um agente pode haver ação e, portanto, potencial para iniciar qualquer transformação das relações de dominação no seio da sociedade” (BUTLER, 2003, p. 49).

Entretanto, a obra de Austen questiona, de forma sutil, as relações de poder e os papéis exercidos por mulheres e homens. A autora denuncia o patriarcalismo de forma irônica e sagaz, e muitas vezes só podemos perceber tal denúncia por meio de uma análise minuciosa de sua obra. Como Jane se tornou muito mais conhecida após sua morte, podemos afirmar que, de uma forma ou de outra, ela pode ter influenciado os movimentos feministas que a sucederam, pois suas obras denunciaram fortemente os fardos carregados pelas mulheres que viveram no século XIX. Ainda de acordo com Beauvoir: “Através de cumprimentos e censuras, de imagens e de palavras, ela descobre o sentido das palavras ‘bonita’ e ‘feia’; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser ‘bonita como uma imagem’; ela procura assemelhar-se a uma imagem, fantasia-se, olha-se no espelho, compara-se às princesas e às fadas dos contos” (BEAUVOIR, 1980, p. 20).

A citação acima se refere ao papel que a mulher desempenha na sociedade, pois as mulheres em geral tendem a descobrir desde a infância quais são as normas impostas ao seu sexo. Com a personagem principal desse romance, não foi diferente. Catherine percebeu muito cedo que não era bonita, nem feia. Informação que está em evidência no início da história; no entanto, quando ela fez 15 anos, todos começaram a exclamar que ela havia se tornado uma moça bonita, contemplando o seu

amadurecimento. Sendo assim, podemos perceber que Austen estava trazendo à tona, a questão da beleza feminina como pré-requisito para uma sociedade que vivia de aparências, na qual a mulher era vista como alguém que precisava se destacar, para que pudesse vir a contrair um bom matrimônio. Na sua transformação em heroína, Catherine manteve sua espontaneidade, não fazia coisas das quais não gostava para agradar os outros, mas sabia como deveria se portar naquela sociedade puramente patriarcal, aprendendo muito cedo, como as pessoas valorizam a aparência em detrimento do caráter, e o que a sociedade espera de uma jovem dama. Desse modo, podemos perceber que muito do sucesso que as obras de Austen fazem até os dias de hoje se deve aos temas sempre atuais abordados em suas obras, pois ela analisava o comportamento humano e as relações sociais. Desde a forma das pessoas se portarem em relacionamentos familiares, a questão matrimonial, a desigualdade de direitos entre homens e mulheres, os relacionamentos por interesse material, entre outras questões, que, mesmo com o passar dos séculos, permanecem atuais.

2. PERCEPÇÕES

É importante ressaltarmos que em *A Abadia de Northanger*, Jane Austen não crítica o romance gótico como gênero. No entanto, ela se posiciona contra a banalização sob a qual os romances góticos foram submersos. A narrativa desse romance é feita em terceira pessoa; há uma intrusão significativa da narradora, de modo que a voz da escritora fica evidente, e a sua ironia se sobressai. Principalmente quando Austen critica, durante um diálogo entre Catherine e Henry, àqueles que não encontram prazer na leitura de um romance, como mostraremos ao longo de nossa análise.

De acordo com Flavio Kothe: “As narrativas são sistemas cujas dominantes geralmente têm sido algum tipo de herói” (KOTHE, 2000, p. 07). A obra gira em torno

das nuances góticas da época, com uma crítica implícita que é marca da escrita de Austen. A autora é reconhecida literariamente pela forma sutil de denunciar os costumes burgueses da sociedade de sua época, sendo reconhecida como uma das principais influenciadoras do romance inglês, de acordo com Howard Phillips Lovecraft: “A essa altura, romances góticos multiplicavam-se em tumultuosa e medíocre profusão. Em sua maioria eram simplesmente ridículos à luz de gostos apurados, e a célebre sátira de Miss Austen *A Abadia de Northanger* foi uma crítica mais que merecida a uma escola que se atolara fundo no absurdo” (LOVECRAFT, 1987, p. 22).

Contestando a banalização dos romances góticos que eram uma mera reprodução de obras de sucesso, sem inovações, Lovecraft elogia a crítica de Austen ao satirizar os principais elementos dos romances góticos, que se repetiam a cada novo livro lançado. Depois disso, o gênero foi se aperfeiçoando cada vez mais, e parte dos bons elementos góticos permaneceram, pois o gênero começou a se recriar, deixando de lado a mesmice.

De acordo com Rachel M. Brownstein: “A sátira literária e a ironia de *A Abadia de Northanger* modulam-se suavemente em comentários sobre a linguagem da maioria das pessoas, que é tão diferente da melhor linguagem escolhida pelos romancistas.” (BROWNSTEIN apud COPELAND, Edward, MCMASTER, Juliet, 2011, p. 670, tradução nossa²). A sátira pode ser considerada como uma forma de intertextualidade, pois a paródia ou o pastiche são tidos como formas criativas que acionam a tradição que parodia. A ironia presente nesse romance faz com que o leitor realize o seu próprio raciocínio e faça a sua própria leitura da obra, pois de acordo com Lélia Parreira Duarte:

² No original: “The literary satire of *Northanger Abbey* modulates smoothly into commentary on most people's language, which is so very different from ‘the best chosen language’ (38) of novelists.” (BROWNSTEIN apud COPELAND, Edward, MCMASTER, Juliet, 2011, p. 670).

O ouvinte do dito irônico (seu leitor e receptor) é convidado a fazer o seu próprio raciocínio, lançando pontes entre o paradoxo percebido e o significado pretendido daquilo que se ouve. O resultado positivo dessa tarefa, ainda segundo a retórica, traz prazer a esse ouvinte, que reconhece assim a própria inteligência e torna-se cúmplice do autor do dito irônico, reconhecido como autoridade a ser respeitada.” (DUARTE, 2006, p. 21).

E é isto que Jane Austen faz em *A Abadia de Northanger*: ela satiriza o gótico, utilizando os elementos das obras banalizadas da época. E, no próprio âmago da semelhança, ironiza de forma satírica a literatura gótica. A história da obra *A Abadia de Northanger* começa quando Catherine Morland é convidada por seus vizinhos, os Allen, para visitar Bath. Podemos afirmar que a análise da sociedade é outra marca de Austen que era especialista na avaliação do comportamento humano. Além disso, a sagacidade e os comentários cortantes sobre a natureza humana, tão presentes em suas obras, tornam divertida a leitura de seus romances. Boa parte do que Jane Austen aprendeu foi dentro de sua própria casa, de acordo com Virginia Woolf: “De mais a mais, toda a formação literária que uma mulher recebia no início do século XIX era concentrada na observação do caráter, na análise da emoção. Sua sensibilidade fora cultivada durante séculos pelas influências da sala de estar. Os sentimentos das pessoas estavam impressos nela; as relações pessoais estavam sempre diante de seus olhos.” (WOOLF, 1998, p. 80).

Jane Austen preferiu escrever sobre o mundo que ela conhecia: a sociedade rural da baixa aristocracia da Inglaterra no século XIX. Em seu romance *Mansfield Park*, Austen escreveu a seguinte frase, que resume bem sua opção de escrita “Que outras canetas debatam-se sobre o remorso e a miséria. Eu deixo de lado assuntos tão odiosos o mais rápido que posso” (REEF, 2014, p. 107). E é isso que podemos vislumbrar em *A Abadia de Northanger*: um resumo daquilo que Austen conhecia — a sociedade patriarcal da Inglaterra do século XIX. Porém, a sátira acerca das obras góticas está implícita nessa obra de Austen, talvez em uma primeira leitura, e sem o

conhecimento de qual é o estilo da autora, não fique claro que se trata de uma paródia — que ela escreve com maestria, mas, ao analisar minuciosamente a obra, percebemos que a autora estava se divertindo à custa de um gênero popular na época.

Podemos afirmar que Austen é uma grande romancista, aclamada pela crítica literária, pois incorpora na ficção fatos do cotidiano, tendo em vista que grande parte de seus enredos se passam na sala de estar, no interior das mansões da aristocracia rural do século XIX, sendo esses elementos que podemos vislumbrar na história de suas personagens. Em regra, as heroínas de Austen evoluem quando se deparam com situações difíceis e se sobressaem em uma sociedade puramente patriarcal, demonstrando a força da personalidade feminina.

E é isso que acontece em *Notharnger Abbey*, na jornada da heroína Catherine Morland nos salões de baile de Bath, onde ela conhece o encantador Henry Tilney, por quem se apaixona. Inclusive, esse é outro elemento que não poderia faltar em uma novela de Austen, pois todas giram em torno do desenrolar matrimonial. As fantasias de Catherine são uma peça principal para o desenrolar da trama, nos quais a sátira de Austen permanece implícita. Porém, sem perder o seu estilo tradicional, nos quais a moral da época permanece sempre presente, algo com que os leitores de seus romances estão acostumados. O conteúdo grotesco pode ser classificado como aquele que causa riso ou aversão, por ser ridículo ou até mesmo inverídico. Nessa obra, o grotesco pode ser identificado nas alucinações de Catherine, que são tão hipotéticas a ponto de conduzir o leitor ao riso, classificando a imaturidade da personagem como ridícula. Contudo, o padrão moral permanece intacto na história, e assim a sátira se efetiva com sucesso. Como afirma Northrop Frye, para que a sátira se efetive com sucesso, faz-se necessário “uma fantasia mínima, um conteúdo que o leitor reconhece como grotesco e pelo menos um padrão moral implícito, sendo o último essencial [...]” (FRYE, 1973, p. 219).

Ao conhecer o jovem Tilney, seu destino estará traçado, pois, mais tarde, ela é convidada pela família do rapaz para conhecer a Abadia de Northanger, local no qual a personagem é ameaçada pelas forças sinistras mais rústicas e íntimas da abadia, todas fomentadas por sua própria imaginação. Desse modo, Austen mescla com maestria a sátira com o seu estilo tradicional de conduzir suas personagens principais a um final feliz, após situações difíceis, nas quais as donzelas desenvolvem o seu amadurecimento social. Em a *Abadia de Northanger* não é diferente, porquanto tudo o que Catherine Morland vivencia na abadia serve para conduzi-la ao seu amadurecimento e, conseqüentemente, ao seu final feliz. De acordo com Catherine Reef, sobre a construção de abadias: “No século XVI, quando o rei Henrique VIII acabou com os monastérios, algumas abadias, a residência dos monges, tornaram-se casas para os mais abastados. Na época de Jane Austen, alguns bretões ricos também construíram novas casas no estilo das antigas abadias.” (REEF, 2014, p. 203).

Catherine lê muitos romances góticos, e os discute com outros personagens. Assim, no decorrer destes diálogos, Austen distingue romances morais, didáticos (históricos), e os famosos romances góticos (sensacionais e fantásticos) que geraram esplendor e ódio na década de 1790. De acordo com Rachel M. Brownstein no livro *The Cambridge Companion to Jane Austen*, publicado em 2011: “A opinião de *Nothanger Abbey* sobre os tipos de ficção, os tipos de leitores e os modos de leitura, também é minuciosamente repleta de ironias, para permitir que se a categorize confortavelmente como paródia ou pastiche”. (BROWNSTEIN apud COPELAND, Edward, MCMASTER, Juliet, 2011, p. 594, tradução nossa³). Catherine começa a ler livros góticos por indicação de uma amiga, a Srta. Isabella Thorpe. Em um diálogo entre as duas, Isabela indica alguns livros para Catherine, e as duas conversam sobre a obra *Os Mistérios de Udolpho* de Ann Radcliffe, que narra as experiências assustadoras

³ No original: “Nothanger Abbey’s take on tropes of fiction, kinds of readers, and modes of Reading is too thoroughly riddled with ironies to allow one to categorize it comfortably as parody or pastiche.” (BROWNSTEIN apud COPELAND, Edward, MCMASTER, Juliet, 2011, p. 594).

de uma bela órfã num castelo em terras distantes: “Mas, minha querida Catherine, o que você esteve fazendo por toda a manhã? Você continuou com Udolpho?” “Sim, eu o estive lendo desde que despertei, e cheguei ao véu negro”. “Você chegou, é mesmo? Que maravilha!” (AUSTEN, 2011, p. 32-33).

Essa obra que as personagens discutem apresenta elementos góticos como o véu negro e o esqueleto que são regados de muito mistério e que serviram para impulsionar a imaginação de jovens damas. Apesar da sátira acerca da banalização do gótico estar presente nesta obra, vemos Austen recomendando *Os Mistérios de Udolpho*, como um bom livro. A formação da heroína, nessa obra, se dá por meio da formação literária e do amadurecimento social, mas é claro em Catherine o consumo da literatura e os efeitos dos romances em seu cotidiano. Para além do gótico, também vemos a autora fazendo referência e prestando reverência a outros estilos literários.

Em *A Abadia de Northanger* podemos perceber também uma crítica severa àqueles que desvalorizam o trabalho do romancista, feita por Austen de maneira direta, em sua intrusão como narradora. Ao longo da obra, Catherine é cortejada pelo Sr. Thorpe, mas não tem nenhum interesse nele. Todavia, não consegue se desvincular de seus diálogos, e por estar muito empolgada com sua leitura do romance intitulado *Os Mistérios de Udolpho* de Radcliffe, ela pergunta ao Sr. Thorpe, durante uma conversa, qual sua opinião sobre o livro em questão. Em resposta, Sr. Thorpe debocha da leitura de Romances: “Você já leu Udolpho, senhor Thorpe?” “Udolpho! Oh, Deus! Eu não. Não leio romances. Tenho mais o que fazer”. (AUSTEN, 2011, p. 39). Posteriormente, Catherine, ao indagar o encantador Henry Tilney sobre o romance, fica surpresa com sua resposta que é totalmente diferente do argumento do Sr. Thorpe.

Você já viajou para o exterior, então? disse Henry um pouco surpreso. “Oh, não! Apenas me referi ao que estive lendo. Sempre me faz imaginar o país em que Emily e seu pai viajam, em *Os Mistérios de Udolpho*. Mas você nunca lê romances, ousou perguntar?” “Por que não?” “Porque não são inteligentes o suficiente para

“você. Cavalheiros leem livros superiores”. “A pessoa, seja um cavalheiro ou uma dama, que não tem prazer com um bom romance deve ser intoleravelmente estúpida. Li todas as obras da senhora Radcliffe, e a maioria delas, com grande prazer. (AUSTEN, 2011, p. 82).

O encantador Henry surpreende com sua resposta e com sua opinião acerca daqueles que não valorizam romances. Desse modo, podemos perceber a crítica de Austen aos que consideram o romance como uma obra de cunho inferior. Austen ainda dialoga diretamente com o leitor afirmando:

Parece haver um desejo quase geral em desprezar a capacidade e em desvalorizar o trabalho do novelista, e diminuir os trabalhos que têm apenas um gênio, espírito e gosto para recomendá-los. “Não sou leitor de romances, raramente leio romances. Não imagine que leio romances com frequência. Isso é muito bom para um romance”. Tal é o dito comum. “E o que está lendo, senhorita ...?”. “Oh! É apenas um romance!”, responde a jovem dama, enquanto deita seu livro com falsa indiferença ou vergonha momentânea. “É apenas Cecília, ou Camilla, ou Belinda”. (AUSTEN, 2011, p. 30-31).

De acordo com Tzvetan Todorov: “A literatura se cria a partir da literatura, e não a partir da realidade, seja está material ou psíquica; toda obra literária é convencional. (TODOROV, 1981, p. 08). A imaginação de Catherine Morland dá vida a muitos acontecimentos que ocorrem no livro. Ao receber o convite para visitar a Abadia da família Tilney, ela já começa a imaginar o local como um espaço antigo e refinado, e o relaciona aos locais descritos nos livros que lê, principalmente com o castelo de Udolpho, fantasiando com passagens escuras, cômodos sombrios, portas secretas, e aposentos que estão fechados desde a morte de seus habitantes.

E você está preparada para encontrar todos os horrores que um prédio ‘igual aos que se lê’ podem proporcionar? Seu coração é resistente? Seus nervos são adequados para estantes deslizantes e tapeçarias? “Oh! Sim — não acho que serei facilmente assustada [...] “Com que temor você examinará a mobília de seu quarto? E o que você discernirá? Nada de mesas, toaletes, armários ou gavetas, mas de um lado, talvez, os restos de um alaúde quebrado, do outro, um pesado cofre que nenhum esforço fará abrir, e sobre a lareira, um retrato de algum belo

guerreiro, cuja feição inexplicavelmente a surpreenderá, e do qual você não será capaz de tirar os olhos [...]”. (AUSTEN, 2011, p. 117).

No excerto acima podemos perceber que a arquitetura da Abadia descrita por Tilney, e imaginada por Catherine, remete à arquitetura gótica. Além disso, Tilney começa a assustar Catherine com elementos dos livros lidos por ela, sobressaindo o intertexto. Os elementos descritos por Catherine, as camas pelo chão, a sala sem janelas, portas ou móveis também são um elemento das obras góticas. E, certamente, o mistério — o cofre pesado difícil de abrir, o retrato do guerreiro — remete aos livros de Radcliffe.

O elemento da tempestade é uma marca registrada nos romances góticos, e certamente não é algo que Austen deixaria de descrever. Ao chegar em Northanger, Catherine se decepciona, pois seu quarto é limpo e ensolarado, a mobília da Abadia é moderna, e seus cômodos são bem iluminados. Porém, a descrição feita por Tilney, é muito similar àquilo que realmente acontece com Catherine. Na primeira noite não acontece nada de muito alarmante, além do fato dela ter encontrado um antigo armário negro em seu quarto na Abadia. E a jovem se lembra das palavras de Henry ao falar sobre o armário de ébano que deveria sobressair aos seus olhos. Catherine pensou que era uma coincidência muito notável, e exatamente como Tilney descreveu foi o que ocorreu:

Ela pegou sua vela e olhou o armário de perto. Não era todo de ébano e ouro, mas era de laquê, preto e amarelo, mas do mais belo laquê e, enquanto segurava sua vela, o amarelo ganhava em muito o efeito do ouro. A chave estava na porta, e ela teve a estranha fantasia de olhar dentro dele. Não, porém, com a menor expectativa de encontrar algo, mas era muito estranho depois do que Henry havia dito. Em resumo, ela não dormiria enquanto não o inspecionasse. (AUSTEN, 2011, p. 125-126).

No dia seguinte, com a curiosidade à flor da pele, Catherine consegue abrir o armário. Então, para sua surpresa, haviam muitas folhas dentro do armário, mas não

eram de um manuscrito, e sim uma lista de compras, contas, entre outras coisas banais do dia-a-dia, que alguém deveria ter esquecido. Nesse instante, Catherine se dá conta da sua imaginação fértil: “Como ela pode dominar tanto a si mesma? Que os céus não deixem Henry Tilney saber de sua fantasia!” (AUSTEN, 2011, p. 128). Esse foi o primeiro infortúnio dos delírios da imaginação da personagem. Contudo, Catherine ainda não estava completamente imune dos desvios de sua mente, de forma que esse episódio não foi suficiente para minimizar seus pensamentos que se confundiam com a ficção gótica.

Catherine tem medo do Sr. Tilney, pai do jovem Henry Tilney, que é um homem pouco simpático. O Sr. Tilney tem interesse no matrimônio do filho com Catherine, por acreditar que ela é uma jovem rica. Catherine, ao saber pela irmã de Henry que na Abadia existe um quarto que pertenceu a mãe deles, dá asas a sua imaginação, passando a imaginar as coisas mais terríveis acerca do pai de Henry, supondo, inclusive, que ele fora o responsável pela morte da esposa. Com a imaginação e curiosidade afloradas, Catherine decide entrar furtivamente no aposento que pertenceu a Sra. Tilney, na tentativa de tentar descobrir o que aconteceu com ela. E o que se sucede é que Henry encontra Catherine no quarto que era de sua mãe e, por fim, descobre suas suposições.

Henry precisa partir da Abadia para resolver alguns negócios e Catherine pensa que perdeu seu amado para sempre devido a sua imaginação fértil, pois Henry acusa tais premissas de partirem das leituras frenéticas da Srta. Morland. A mocinha é expulsa da Abadia, enviada para casa no meio da noite, em uma carruagem de aluguel, e pensa que todo isso se sucedeu devido a sua imaginação, pois não sabe do engano do Sr. Tilney, muito menos que ele imaginava que ela era a herdeira de uma grande fortuna. De acordo com Kothe: “Haver uma classe “alta” e uma classe “baixa” se reflete de modo fundamental e necessário na literatura, tanto no modo de ser dos personagens e enredos, quanto na hierarquia dos gêneros e das obras”. (KOTHE, 2000,

p. 06). Assim, Austen utiliza um elemento comum dos romancistas, relatando as diferenças entre as classes “alta” e “baixa”, visando a conscientização social de que tais comparações são infundadas.

Catherine se culpa, e pensa ter perdido o amor de sua vida. Entretanto, Henry, ao descobrir o que aconteceu, vai atrás de Catherine e pede sua mão em casamento. Os dois se casam, e têm um final feliz, típico dos romances de Austen. A fantasia da personagem principal minimiza o tom pesado da denúncia social que a autora faz na construção do personagem do Sr. Tilney, pois ele é um reflexo puro da sociedade patriarcal do século XIX na qual Austen viveu, e o seu interesse em dinheiro, posição e casamentos por conveniência é um espelho do pensamento burguês da maioria dos pais de família daquela época. Como afirma Horácio:

É preciso brevidade, é preciso deixar o pensamento correr sem lhe dar palavras que cansem os ouvidos, é preciso que o tom seja às vezes grave, às vezes divertido, que se acredite ouvir o orador, o poeta ou o homem do mundo que sabe controlar suas forças e não abusar delas. Quase sempre a brincadeira elimina grandes adversidades com mais força e sucesso que a violência. (HORÁCIO *apud* MINOIS⁴, 2003, p. 83).

Podemos dizer que a sátira de Austen, ao englobar os elementos do gótico neste romance, é uma forma sutil de amenizar o verdadeiro relato da maldade humana e muitos dos costumes desprezíveis comuns à burguesia inglesa do século XIX.

3. PARA CONCLUIR

A Abadia de Northanger é um romance carregado de ironia, no qual a sátira de Austen está presente nas entrelinhas. Pode-se dizer que a leitura da obra de Austen é humanizadora, porque conduz o leitor a estabelecer um pensamento crítico em

⁴ MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

relação à sociedade. Expondo as relações de poder existentes, os relacionamentos por interesse, principalmente na esfera matrimonial, Austen nos mostra o que ela acreditava ser verdadeiramente importante na vida, o amor, a amizade, as relações sem interesse financeiro, e por fim, a felicidade. No caso desse romance, por abordar a história de uma escola literária, o gótico, Austen eleva seus romances a um novo patamar, no qual seu discurso direto está impresso e suas opiniões passam a ser explícitas. O leitor passa a compreender de forma mais eficaz como a sociedade descrita por Austen permanece atual, pois os devaneios da vida humana repetem-se, projetando-se no presente com os mesmos preconceitos e convicções, apenas com roupagens diferentes.

Os elementos do gótico que Austen traz à tona nesse romance nos lembram de uma escola que fez muito sucesso no final do século XVIII, quando Jane Austen era apenas uma jovem leitora, aspirando tornar-se escritora. É essa escola que Austen satiriza em sua obra publicada no início do século XIX, e que em meio às ironias e à sátira, incorpora diversos recursos do gótico, sendo eles: o bem contra o mal, as tempestades, a desconfiança e a paranoia em relação ao outro, as abadias mal assombradas, os móveis misteriosos, os manuscritos escondidos, os quartos misteriosos, os cômodos sujos e mal iluminados, entre outros, além de citar obras góticas que fizeram muito sucesso, e que foram de suma importância para a formação dessa escola literária. De acordo com Adriano Messias: “A crítica especializada assume que a literatura fantástica ressurgiu em pleno vigor em fins do século XVIII sob as vestes dos enredos góticos, expressando o sentimento de ambivalência e paranoia em relação ao outro em famosas novelas e contos que traziam para um primeiro plano os conflitos entre o bem e o mal e o carnal e o espiritual, por exemplo”. (MESSIAS, 2016, p. 35)

Ao fazer o leitor rir da imaginação fértil de Catherine em relação aos armários misteriosos, abadias e assombrações, Austen denuncia algo ainda mais aterrorizante e

que nunca foi considerado um crime: casamentos sem amor — feitos por conveniência, nos quais a vida de muitos era sugada, pela ilusão de que a posição social e a aparência poderiam se sobrepor à felicidade. O desprezo pelas famílias de pouca fortuna também é um elemento denunciado neste romance. Durante o seu amadurecimento, Catherine descobre o que são amizades falsas e até que ponto o interesse pode conduzir as ações humanas, e assim ela se torna uma mulher, pois como afirma Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (1980, p. 09). Desse modo, durante o crescimento da personagem, que se deparou com inúmeras situações difíceis, ela se torna mulher, porquanto descobre quais são os padrões sociais impostos sobre ela, e decide até que ponto as normas da sociedade deverão influenciar a sua vida. Catherine escolhe a própria felicidade, ao decidir não agradar a sociedade, não acatando, por exemplo, os desejos do pai de Henry que era contra o casamento dela com seu filho. A protagonista aprende a perdoar as pessoas, como faz com Henry no final do romance, quando aceita seu pedido de casamento, apesar dos desencontros do casal, e descarta amizades frívolas e falsas, como a de Isabella Torpe. Ela aprende a amar sua família, apesar de seus inúmeros defeitos. Além disso, algo que nos surpreende é que, ao final do romance, Austen faz a seguinte afirmação como narradora da história:

Professando-me mais ainda convencida de que a injusta interferência do general, longe de ser realmente danosa à felicidade deles, sendo, talvez, o que a conduziu, ao aumentar o conhecimento um do outro, e acrescentar força a sua paixão, deixo que seja determinado, a quem possa se interessar, se a tendência desta obra, em seu todo, é a de recomendar a tirania paterna ou a de compensar a desobediência filial. (AUSTEN, 2011, p. 185).

Tal fragmento desconstrói a imagem que temos de uma Jane Austen politicamente correta, pois apesar de toda educação comum no século XIX em relação a obediência dos filhos aos pais, a autora contesta a tirania paterna. Mostrando a recompensa da desobediência, que neste caso foi de felicidade, no matrimônio de

Henry e Catherine, que só aconteceu devido ao fato de Henry ter desobedecido a vontade de seu pai. Contudo, é importante ressaltarmos que o pai de Henry não se opôs completamente ao matrimônio do filho com Catherine. Na verdade, após a irmã de Henry, Eleanor Tilney se casar com um visconde muito rico e nobre, “o General está de bom humor e disposto a perdoar. Ele autoriza Henry “a ser um tolo, se assim desejar.”” (REEF, 2014, p. 202).

Henry é um personagem forte, pois decide ir contra o que seu pai deseja para ele, e se casa por amor, não por fortuna; porém de acordo com Rachel Brownstein *et al.*, “Catherine, a contraparte de Henry, é a heroína deste romance porque ela pode dar um novo significado aos clichês disponíveis” (BROWNSTEIN apud COPELAND, Edward, MCMMASTER, Juliet, 2011, p. 675, tradução nossa⁵). Sendo assim, pode-se dizer que nos romances de Austen, a voz da mulher pode ser ouvida, pois se trata de uma mulher escrevendo sobre coisas que somente uma mulher vivenciava naquela época.

Catherine torna-se mulher, torna-se heroína, e, apesar de seus devaneios, amadurece, nos mostrando como a literatura pode influenciar na formação social do ser humano. Os elementos do gótico retratados na Abadia, tais como a tempestade, os móveis antigos, os possíveis fantasmas, a falta de claridade, a umidade, o medo e a tensão preenchem esse romance, despertando no leitor a tristeza, o medo, a surpresa, a agonia, o horror, o riso e a empatia, prestando uma homenagem justa a uma escola que inovou na utilização dos recursos mentais e materiais, mas que se contentou com as mesmas generalidades, acostumando-se com um só modo de contar histórias, o que resultou na perda do espaço que conquistou a tanto custo. Entretanto, o gótico serviu como uma mola de propulsão para as outras escolas que se fundamentaram em suas obras, o que foi de suma importância para a literatura em uma escala mundial.

⁵ No original: “Catherine, Henry's counterpart, is this novel's heroine because she can give new meaning to available clichés.” (BROWNSTEIN apud COPELAND, Edward, MCMMASTER, Juliet, 2011, p. 675).

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. *A Abadia de Northanger*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: LP&M, 2011.

AUSTEN-LEIGH, James E. *Uma memória de Jane Austen*. Trad. Bruno José Loureiro. São Paulo: PEDRAZUL, 2014.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: NOVA FRONTEIRA, 1980.

BROWNSTEIN, Rachel M. In: COPELAND, Edward, MCMASTER, Juliet (orgs). *Cambridge Companion to Jane Austen*. 2a. ed. Cambridge: CAMBRIDGE UP, 2011. Versão para Kindle.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 2003.

DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC MINAS, 2006.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: CULTRIX, 1973.

KOTHE, Flavio. *O Herói*. São Paulo: Editora ÁTICA, 2000.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *O Horror Sobrenatural na Literatura*. Trad. João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: EDITORA FRANCISCO ALVES, 1987.

MESSIAS, Adriano. *Miolo Todos os Monstros*. São Paulo: EDUC, 2016.

MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

REEF, Catherine. *Jane Austen uma vida revelada*. Trad. Kátia Hanna. São Paulo: NOVO SÉCULO, 2014.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. Trad. Silvia Delpy. México: Editora PERSPECTIVA, 1981.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. *A Formação do Romance Inglês: Ensaio Teórico*. São Paulo: FAPESP, 2007.

WOOLF, Virginia. *Um Teto Todo Seu*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: CÍRCULO DO LIVRO, 1998.

Recebido em: 08/01/2019

Aceito em: 09/04/2019